

Estatua da rainha D. Maria I, na bibliotheca nacional de Lisboa

A estatuaria é a parte mais bella da esculptura, mas tambem a mais difficil. O talento e o estudo podem fazer do artista um excellente esculptor em outro qualquer genero d'este ramo da arte. Não bastam, porém, para crear um estatuario distincto.

A harmonia nas proporções, a correcção no desenho, a belleza e graça nas fórmas, a nobreza e elegancia nas posições, a naturalidade nas dobras e prégas da roupagem, em fim, a delicadeza e perfeição de cada uma das partes da estatua, são o fructo do estudo do artista abrilhantado pelos esplendores do seu talento. Porém a sua obra, apesar de ostentar todos esses dotes caracteristicos do bello, não alcançará para o nome do auctor um logar entre os grandes mestres da arte, porque lhe falta uma condição essencial, se não a principal, em similhantes obras. Falta-lhe a vida; faltou-lhe aquelle toque sublime do cinzel, que sabe, quando é manejado por artista ins-

pirado, animar a estatua, dar quasi falla ao rosto, apparente movimento aos membros, e ondulação ás roupas.

Esse toque magistral, essa quasi centelha do fogo divino que imprime no marmore a meiga expressão dos sentimentos ternos, e os mais fortes impetos das paixões violentas, é unicamente a emanação do genio.

Foi nos tempos heroicos da Grecia que a estatuaria attingiu o seu mais alto grão de perfeição. A organisação social d'este povo, a sua religião, os seus habitos, usos e costumes, tudo concorreu de mãos dadas para o desenvolvimento e florescencia d'este ramo da arte.

O artista via-se alli rodeado de todo o genero de estimulos que podem elevar o espirito, exaltar a imaginação, dar pasto á vaidade, e satisfazer a ambição. Elevava-lhe o espirito o amor da religião, em quanto esculpia no marmore as variadas figuras dos deuses do Olympo, com que se povoavam centenares de templos magnificos. Exaltava-lhe a imaginação o amor da patria, e doiravam-lh'a os raios da gloria, em quanto tirava da pedra as nobres feições do heroe que dera o sangue e a vida em defesa da terra que lhe servíra de berço, ou que vencêra em combate os inimigos da Grecia, ou que triumphára do seu competidor nos jogos olympicos. E depois vinha o premio moral e physico compensar as suas fadigas e galardoar os seus esforços. Vinham as riquezas recompensar o trabalho; vinham os applausos coroar o merito.

Sendo o genio um dom que nasce com o homem, por meio de tão forte incentivo muitas vezes o talento se transforma em genio.

Quando a luz d'aquella resplendente civilisação se apagou ao sôpro das discordias civis, e da inveja e ciume dos romanos, desappareceram de improviso do solo da Grecia as artes que tanto haviam brilhado. Levadas a Roma, lá se acolheram, e lá medrou ainda a estatuaria á sombra de algumas das condições que a tinham feito refulgir na Grecia. Porém, logo que, a seu turno, Roma foi vencida, e os seus monumentos derrocados lhe alastraram o solo de ruinas, fugiram as artes espavoridas, e por muitos seculos se conservou na Europa a estatuaria em completo estado de barbaridade.

Succederam-se os tempos; completaram-se grandes revoluções na vida dos povos; e começando a surgir a moderna civilisação d'entre as trevas da edade média renasceram com ella as bellas artes.

Resuscitára tambem a estatuaria, mas em mui diversas condições de existencia. Eram passados os tempos heroicos, e com elles acabaram quasi todos os estimulos que haviam produzido os Phidias, os Pericles, os Praxiteles, e outros genios que se immortalisaram, elevando as artes, e particularmente a estatuaria, ao ponto mais alto a que tem subido.

A nova era que se abria ao renascimento das artes não creava, não podia crear os artistas como outr'ora. Não projectava sobre elles, ainda no berço, os reflexos do heroismo, convertido em alimento espiritual da nação. Não os embalava na poesia de crenças que fallavam aos sentidos, enchendo-os de enlêvo; e que lisongeavam as paixões, excitando-as. Não lhes patenteava tão vasto campo para os seus exercicios; nem lhes offerecia assumptos tão appropriados ao estudo da estatuaria em todas as combinações do bello, e em todas as variedades das paixões humanas.

Finalmente, o estatuario na Grecia antiga era uma verdadeira necessidade da organisação social d'aquelle povo; em quanto que em a nova epocha do renascimento das artes não passava, como não passa ainda hoje, de um d'entre mil resultados da marcha da civilisação.

Entretanto, é certo que o renascimento das artes teve em seu favor uma circunstancia que, não obstante não lhe substituir a falta d'aquellas condições, deu-lhe impulso até o fazer florir. Consistiu essa circunstancia na protecção especial, intelligente e poderosissima de varios soberanos. Foi ao aceno dos Médicis em Florença, de Julio II e Leão X em Roma, e de Francisco I em França, que as artes brilharam novamente, e que a estatuaria, sacudindo o pó dos tempos barbaros, se ergueu, e ousou competir com a arte grega.

Todavia, em quanto a liberalidade d'aquelles soberanos, e de outros principes, conseguiu crear tantos pintores de subido merecimento, apenas fez sobresair d'entre alguns poucos estatuarios distinctos um que se assimilhasse aos artistas da antiguidade. Foi Miguel Angelo Buonarotti, ao qual basta a sua estatua de Moysés para o collocar muito acima de todos os seus émulos.

Desde então até aos nossos dias raras vezes se tem manifestado o genio na cultura d'este difficil ramo da arte. A Europa dos tempos modernos apenas tem dois nomes, não para oppor aos que illustraram a Grecia, mas simplesmente para ornar a sua coroa artistica, e abrilhantar o sceptro que empunha da civilisação. Canova e Thorwaldsen são esses dois nomes de que se ufanam particularmente a Italia e a Dinamarca.

O que diremos do nosso paiz depois do rapido esboço que ahi traçámos? Tudo quanto podessemos dizer provaria tão sómente que, em quanto proseguimos com passo firme e ousado no caminho da civilisação, sempre estivemos em notavel atrazo pelo que respeita á estatuaria; e que desde que a nossa má estrella nos arremeçou para a retaguarda das nações civilisadas, alguns progressos fizemos n'este ramo da arte, importantes, grandes até em relação ao nosso estado anterior, mas que só avultam na historia artistica de Portugal.

Começou aquelle estudo a ter alguma regularidade entre nós com a creação da eschola de esculptura em Mafra. Dizemos *alguma*, porque não imaginâmos que possa haver uma eschola de esculptura perfeitamente regular sem que os discipulos tenham diante dos olhos a imagem do bello, ou seja em obras originaes dos grandes mestres, ou pelo menos em bons modelos d'essas obras. E esta clausula faltava na eschola de Mafra.

Porém, tal era a proficiencia do esculptor italiano Alexandre Giusti, que dirigia a eschola, e taes a habilidade e zelo com que o architecto João Frederico Ludovici, tambem esculptor, velava pelos progressos da mesma arte, inspeccionando os trabalhos e aconselhando os alumnos, que a referida eschola produziu mui distinctos esculptores, e entre elles um que lhe basta para honra sua e para gloria do paiz. Não precisariam, certamente, os nossos leitores de que lhe escrevessemos aqui o nome de Joaquim Machado de Castro, para saber de quem vamos fallar.

Joaquim Machado de Castro é o nosso primeiro estatuario, primeiro, não na precedencia, mas sim no logar honorifico que o seu nome ainda hoje occupa entre os esculptores nacionaes.

Quem contemplar com olhos analyticos e juizo imparcial a estatua equestre del-rei D. José I, admirar-se-ha, sem duvida, da nobreza e magestade do monumento, e da perfeição da esculptura da estatua; mas cremos que a sua admiração crescerá, lembrando-se de que similhante obra foi feita em um paiz desprovido das principaes condições de que está dependente o seu desenvolvimento artistico.

Joaquim Machado de Castro não podia disputar competencias com os grandes estatuarios da antiguidade; nem a historia geral da arte lhe assignala logar ao lado de Canova e Thorwaldsen. Estes, e sobretudo os primeiros, tinham a inspiração do genio, que sabe dar ao marmore o aspecto da natureza viva. O nosso

esculptor, inspirado tão sómente pelo talento, e guiado pelo estudo, sobresaía pela correcção do desenho, pela nobreza das fórmas e pela gravidade ou doçura de que revestia as suas estatuas, segundo o assumpto o pedia. E tambem combinava estas duas qualidades, como se vê na estatua da rainha D. Maria I, que dâmos em gravura, e que nos suscitou as considerações que deixámos expendidas.

Esta obra d'arte honra o nome de tres artistas: Joaquim Machado de Castro, que a desenhou e fez o modelo; e Faustino José Rodrigues, e Feliciano José Lopes, que a esculpiram, ambos discipulos d'aquelle eximio professor.

Fôra encommendada esta estatua em 1783 por D. Thomaz Xavier de Lima, visconde de Villa Nova da Cerveira, então ministro e secretario de estado dos negocios do reino, e sete annos depois elevado ás honras de marquez de Ponte do Lima, pela rainha D. Maria I.

Era intenção d'este fidalgo collocar a estatua na sua quinta de Mafra, erigindo com ella um monumento da sua gratidão por tantas graças que lhe dispensára a soberana.

Porém, sendo creada a bibliotheca publica de Lisboa, determinou o marquez, tendo ainda a pasta dos negocios do reino, que a estatua fosse inaugurada em uma das salas d'essa mesma bibliotheca, que é honroso padrão do reinado de D. Maria I, e da administração do marquez de Ponte do Lima.

A estatua é esculpida em marmore de Carrara, e pouco maior que o tamanho natural. Representa a soberana na edade de 49 annos, que completou no anno em que foi feito o modelo da estatua. Tem no rosto a expressão de gravidade e benevolencia que tanto condiz com os attributos da realeza, e que na rainha D. Maria I eram duas qualidades preeminentes do seu caracter. Empunhando com a mão esquerda o emblema do poder, estende a direita, em signal de protecção desvelada, sobre os seus estados representados no globo terrestre, que tem junto a si e que abriga sob o manto real.

Tem gravada no pedestal a seguinte inscripção:

D. Maria I
Rainha de Portugal, Brasil e Algarve,
Fundadora d'esta Bibliotheca
Por
Alvará de 29 *de Fevereiro de* 1796.

A estatua de D. Maria I nunca esteve collocada convenientemente, quer em relação ao decoro devido á magestade, quer em satisfação das exigencias da arte; e isto motivado pela falta de capacidade dos edificios em que tem estado a bibliotheca. Presentemente acha-se no topo de uma estreita sala improvisada n'um dos lanços do primeiro pavimento da bibliotheca. Todavia, apesar da estreiteza do logar ganhou, por certo, n'esta ultima mudança, pois esta sala é mais reservada, e está mais decentemente adereçada.

Foi o nosso collega na redacção d'este jornal, o sr. Silva Tullio, quando esteve servindo interinamente de bibliothecario-mór, quem transferiu esta bella estatua do corredor onde estava desde 1836 para a sala em que hoje está patente ao publico.

A inscripção commemorativa, gravada no pedestal, que acima transcrevemos, tambem foi mandada gravar pelo sr. Tullio.

A nossa gravura é cópia de um desenho original do sr. Nogueira da Silva. Não obstante a reconhecida habilidade do desenhador e do gravador, é forçoso confessar que similhantes obras de arte, sempre, ou quasi sempre, perdem na cópia alguma parte da expressão do semblante, ou da graça e naturalidade da roupagem, como succede no presente caso.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MANUEL DA SILVA PASSOS

(Conclusão. Vid. pag. 402)

VI

Um incidente quasi sem importancia — a votação do congresso contra a existencia dos sub-secretarios de estado — talvez pretexto, e não motivo verdadeiro, proporcionou a Manuel e a José da Silva Passos o ensejo appetecido para se retirarem ambos da administração. Desde esse dia a carreira ministerial do dictador encerrou-se para nunca mais tornar a abrir-se. O que não terminou, porém, com ella, foi a veneração do seu caracter, a admiração do seu engenho, e a boa sombra da sua probidade e benevolencia. Era sempre escutado com applauso. Citam-se, entre muitos discursos, quasi todos notaveis, os que proferiu em 1834 ácerca da injusta prisão do coronel Pizarro, e contra o projecto das indemnisações; a bella defesa dos actos da dictadura em resposta á opposição do congresso de 1837; e diversas orações pronunciadas em epochas differentes, sobresaindo a que recitou em 18 de outubro de 1844, depois de suffocada a revolta de Torres Novas. Todas ellas em muitos trechos podem inculcar-se como modelos de eloquencia nacional.

Recolhido depois da quéda voluntaria á intimidade da vida domestica, sem por isso desamparar os combates da palavra e da imprensa, continuou, sem afrouxar no zelo, o grande papel que a elevação do espirito e a grandeza da alma lhe insinuavam, e que a variedade dos tempos e dos successos coadjuvaram em alguns lances. Acompanhando com lealdade o seu partido em todos os trances do inquieto periodo, que decorre desde 1834 até 1851, amigos e contrarios sempre acharam n'elle o mesmo homem, louvando a sua constancia nos revezes, os rasgos de dedicação com que ennobreceu a adversidade, e os raptos de inspirada vehemencia com que por vezes illustrou a tribuna, avivando os brazões á sua fama.

O congresso constituinte separou-se, legando á assembléa, que o substituiu, a constituição denominada de 1838, anno da sua promulgação. Os moderados, advertidos pelos desastres da vaidade das tentativas revolucionarias, e desenganados pela experiencia do erro da abstenção politica, immolando o orgulho e os resentimentos, associaram-se ao pensamento de reconciliação, que o novo codigo symbolisava. A religião do juramento consagrou o osculo da alliança liberal, e a bandeira da constituição cobriu todos os cidadãos.

A velha guarda dos partidos, apesar d'isso, não ensarilhou as armas com inteira confiança, nem esqueceu todos os aggravos no abraço commum. Amanhecia, pois, ainda mui turva esta aurora, para realisar a tregoa, que só em 1852 conseguiu assellar a prudencia dos homens publicos auxiliada pela necessidade das coisas. O gremio setembrista antevia nos segredos de seus emulos a ameaça tacita de uma reacção traçada para o despojar a pouco e pouco, decepando-lhe uma após outra as raizes que a revolução ainda não tivera tempo de arraigar. A parcialidade cartista, tomando a ordem por motu, e o prestigio da auctoridade por divisa, citava a anarchia e os tumultos recentes como documentos vivos da urgencia de uma robusta centralisação, capaz de assegurar por meio de leis conservadoras o socego e os interesses da sociedade. Este foi o estimulo e o terreno das luctas parlamentares desde 1838. E de recontro em recontro, de exaggeração em exaggeração, chegaram de ambos os lados os dois campos ás mais violentas aggressões, exacerbadas por insoffrida intolerancia. Sem deslizar da estrada, que uma vez pisára, Manuel Passos, recusando sanccionar com o seu voto os actos de

revindicta, soube sempre com rara moderação estremar a devoção aos principios da exaltação epileptica, guardando a distancia que a razão e a dignidade aconselham.

Depois da revolução do Minho, ao lado do duque de Palmella e de Luiz Mousinho, fallou áquelles dois espiritos eminentes a linguagem que elles mereciam ouvir, ponderando-lhes os perigos da hesitação, e as vantagens de uma politica decisiva e conciliadora, sem fraquezas. No governo da Junta do Porto, inseparavel de seu irmão nos dias mais criticos, no auge dos maiores cuidados, por maior que fosse a apprehensão do animo, ou a consternação da alma, ninguem o viu nunca aconselhar, ou persuadir, senão o perdão das injurias, o desprezo das calumnias, a magnanimidade na victoria, a resignação em presença dos revezes. Arrancando-se dos braços da esposa e das filhas, que em sua extremosa ternura resumiam tudo para elle, ao primeiro rebate voou á cidade do Porto, e, simples cidadão, não quiz acceitar outra distincção, que não fosse a sua parte na responsabilidade da incerta contenda que acabava de se travar. Inaccessivel ao desalento, o seu valor crescia com as difficuldades, e a sua voz affectuosa acudia sempre facil a confortar os outros, reanimando até os tibios e incredulos. Eleito deputado ás cortes de 1851, alli o contemplámos, correndo a varia fortuna que o parlamento offerece tantas vezes aos que se não curvam ao mando despotico das facções, mas não trahindo por nenhum respeito a sua fé na verdade das doutrinas, e não cessando de a confirmar até ao ultimo dia da sua vida.

Quando no fim de longos padecimentos soou para elle a hora do eterno repoiso, a morte encontrou-o preparado e intrepido. Despediu-se dos que amava, lembrou-se dos ausentes, e passou da terra com aquella mesma serenidade com que arrostára em tantos rasgos viris os rigores da sorte na sua agitada carreira. A noticia da sua perda cobriu de lucto a tribuna. José Estevão, que o havia de seguir tão de perto, foi o que esfolhou sobre a sua memoria as primeiras flores. Mendes Leal, na mesma sessão de 20 de janeiro de 1862, traçou já com o buril da posteridade os primeiros lineamentos de tão nobre e sympathica physionomia: «Não é preciso, exclamou elle, fazer aqui o elogio do homem. Está feito no coração de nós todos que o admirámos, ha de confirmal-o a historia, onde tem um logar indisputavel, e onde o esperam os loiros que não morrem. Teve antagonistas, não teve inimigos: competiu em idéas, não procurou odios. Terminada a controversia, ou a lucta, ficava mais vivo o affecto, que elle soube em todos os lances carear e manter... Foi um grande talento; foi um coração ainda maior. Cabiam alli á vontade os mais generosos sentimentos, como na sua mente os mais vastos designios.

«Deve-lhe muito esta terra, devemos-lhe muito nós todos. A sua morte é para esta casa (a camara dos deputados) uma verdadeira dor, é para esta nação uma verdadeira perda».

Nada póde accrescentar-se a estas phrases do grande poeta lyrico. Ás honras civicas votadas pelas duas camaras, juntaram-se a saudade unanime, as lagrimas sinceras, as recordações sentidas, e estes eram os premios que elle poderia querer se vivesse, e a que sempre aspirou com desinteressada isempção. O paiz concedeu-lh'os todos por geral e espontanea manifestação. O nome de Passos Manuel, esse nome, symbolo da honra em tantas occasiões invocado, brilha tão puro, que, não somos só nós que apreciâmos e conhecemos o varão illustre, que o gravâmos nas paginas da historia actual, mas tambem os que vierem depois hão de cital-o, inclinando-se respeitosos diante das tradições que elle representa, e que o esplendor de suas virtudes ainda aviva mais. Sobre aquelle tumulo, só ornado do loiro singelo dos Cincinatos, não haja receio de que se condensem as trevas do esquecimento! Nenhuma sombra ha de escurecer a sua gloria, e o sol do futuro já principia a raiar, illuminando, como lição e como exemplo, as feições mais nobres d'este grande vulto, que de anno para anno cada vez sobe mais alto no seu pedestal.

L. A. Rebello da Silva.

O MOSTEIRO DE CHELAS

Persuadido de que o *Archivo* acolherá benevolamente todas as noticias tendentes a esclarecer alguns pontos duvidosos de nossa historia e archeologia, ouso enviar os seguintes apontamentos sobre o mosteiro de Chelas, assumpto de que tratou o dito jornal no numero 47.

Encontrei estes apontamentos n'um livro manuscripto, que tem por titulo *Memorias de S. Cruz*. Tem a data de 1650, e não traz na frente o nome do auctor, mas pelo contexto se vê que foi escripto por D. Timotheo dos Martyres [1]. Considero este livro uma preciosidade pelas muitas noticias historicas de interesse em que abunda, algumas das quaes julgo que copiou textualmente D. Nicolau de Santa Maria na sua chronica dos conegos regrantes.

Acerca do mosteiro de Chelas lêmos a pag. 16: «Entrada a famosa Cidade de Lisboa, mandou el-Rei restaurar, e reedifficar as antigas Igrejas que avia em pé naquella Cidade, e as mandou purificar pello nosso Arcebispo da Braga, Dom Joam Peculiar, o qual escreveu logo por ordem do mesmo Rey a Coimbra, ao Padre Santo Theotonio, e com sua licença mandou vir do mosteiro das Donas de S. Joan de Sancta Crus, á sua Irmã Justa Rabaldes da Crus, pera primeira Prioressa do mosteiro de Chelas, que elRey Dom Affonso Henriques mandava restaurar, e com ella forão outras religiosas Conegas do mesmo mosteiro».

Lêmos mais a pag. 233:

«*Mosteiro de São Felix, de Chellas, iunto a Lisboa, de Conegas Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho* — Dissemos a sima, que este mosteiro teve principio do mosteiro das Donas de São João de Santa Crus de Coimbra.

«Pondo de parte a tradição antiga que affirma ser o mosteiro de Chellas antes da vinda de Christo ao mundo, de virgens vestaes, e que a sua Igreja dedicada a São Felix Diacono, que padeceo martirio na cidade de Girona em Catalunha com doze Companheiros, foy huma das primeiras que em Portugal se edifficarão, ou converterão de Têmplo profano em divino, quando em tempo do Catholico Rey Godo de Espanha Recensvinto, suas sagradas reliquias vieram ter a este lugar, na Era de D.cc.iiij = que é anno de, 666 = e depois foi restaurada a primeira ves por elRey de Espanha D. Affonso o Catholico, quando na era de D.ccc.xl-ij = que he Anno de, 804 = tomou a Cidade de Lisboa aos Mouros, e foy senhor della soos outo annos, e a tornou a perder.

«He de saber que entrada a Cidade de Lisboa em 25, de Outubro da Era de, M.c.l.xxx.v= que he Anno, 1147 = pelo valoroso Rey Dom Affonso Henriques, e lansados os Mouros fora, mandou logo purificar as Igrejas que ainda avia em pé na Cidade, e fóra della pello nosso Arcebispo de Braga Dom João Peculiar, foy huma a Igreja de São Felix de Chellas. Tinha esta Igreja uma claustra ē cujas paredes avia algumas cru-

[1] A folhas 20 se lê esta passagem: «No mesmo anno, 1669 — em, 16, de Maio, o Padre Prior geral Dom João dos Anjos, chamou alguns religiosos graves que se achassem presentes, e *comigo Dom Timotheo dos Martyres* notario apostolico. . . . » etc. D'aqui se conclue ser D. Timotheo dos Martyres o auctor do livro.

zes similhantes ás que avia na Igreja, pello que mostrava fora sagrada. Por estas cruzes, claustra, e officinas que ao redor della estavão quasi arruinadas, entendeu o Arcebispo, que naquelle lugar ouvera antes mosteiro. Comunicando isto com elRey Dom Affonso Henriques, e com o novo bispo D. Gilberto, assentarão se restaurasse este mosteiro á honra dos Santos Martyres que segundo a tradição antiga alli estavão sepultados. Restaurado, e reedifficado o antigo mosteiro de Chellas, escreveu o Arcebispo a Coimbra ao Padre Santo Theotonio, e com licença sua vierão do mosteiro das Donas de São João pera este de Chellas tres religiosas Conegas, e para Prioressa sua irmã Justa Rabaldes, que se chamava, da Crus; conega tambem do mesmo mosteiro. Acompanharão a estas quatro religiosas alguns Conegos do mosteiro de Santa Crus pera ficarem com ellas n'este mosteiro de Chellas, aonde logo se lhe foram ajuntando outras Senhoras, que ahi forão tomando o nosso Santo habito Canonico. Tudo isto consta de escripturas antigas dos nossos cartorios.

«A primeira Prioressa deste insigne mosteiro de São Felix de Chellas, foy a madre Justa Rabaldes da Cruz, como a sima dissemos, e não consta os annos que governou, nem quando faleceo, que parece foy santamente. Na Era de M.cc.l.v = que he Anno de 1217 — Dom Sueiro Viegas Bispo de Lisboa começou a reedifficar este mosteiro, acressentando-o em edifficios, descobriu então na claustra a Sepultura desta Santa Prioressa, a qual tinha este epitafio:

Justa á Cruce dicta, Justa nomine, et vita
Jacet hic, a nece extincta:
Prima Fundatrix, et optima contemplatrix,
At nunc in Cælo est, pro nobis auxiliatrix.

«Querem dizer: — Aqui jas, Justa da Crus, justa no nome e na vida, a quem a morte levou apagando a luz da sua exemplar vida: foy a primeira fundadora d'este mosteiro, e mui contemplativa, e agora não cessa de ser no Ceo nossa intercessora.

«O mesmo Bispo Dom Sueiro Viegas mandou passar seu sepulchro pera a Igreja e o meteo na parede á parte do Evangelho com a mesma Pedra do Epitafio, da qual o tresladou o Padre Dõ Theotonio de Mello conego do real mosteiro de Santa Crus, no Anno de 1604 e o deixou em suas memorias. Dahi a outo annos, no Anno de 1612 se cobriram as paredes desta Igreja de Azulejos, cobrindo com elles por inadvertencia huma memoria digna de grande resguardo e veneração.» AUGUSTO MENDES S. DE C.

As noticias acima, extrahidas do manuscripto de D. Timotheo dos Martyres, encontram-se não só na chronica dos conegos regrantes, por D. Nicolau de Santa Maria, mas tambem nas antiguidades de Lisboa por Luiz Marinho de Azevedo. De parte d'ellas publicámos a substancia em o artigo do nosso roteiro de Lisboa relativo ao mosteiro de Chelas. Da outra parte inhibiram-nos de tratar os limites que impozemos ao mesmo roteiro. Não deixam, porém, de ter bom cabimento no artigo que nos envia o nosso obsequioso correspondente.

O conego D. Timotheo dos Martyres foi contemporaneo de D. Nicolau de Santa Maria, e ambos foram moradores por alguns annos no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Dados egualmente ao estudo da historia e antiguidades da sua ordem, escreveram ao mesmo tempo D. Timotheo as referidas *Memorias de Santa Cruz*, que ficaram manuscriptas, e *Breve exemplar da vida de alguns santos da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho*, que se publicou em dois tomos, impressos o primeiro em 1648, e o segundo em 1650; e D. Nicolau a *Chronica dos conegos regrantes*, publicada pela imprensa em 1668. Dizemos que escreveu ao mesmo tempo, porque, apesar de se achar nas *Memorias de Santa Cruz* a data de 1650, é claro que o seu auctor ainda estava escrevendo esta obra no anno de 1669, pois que a folhas 20 se refere a este anno, como se vê da nota a pag. 408. Em taes circunstancias é de crer que se auxiliassem mutuamente em suas investigações historicas e archeologicas. I. DE VILHENA BARBOSA.

LENDAS NACIONAES

II

CÊRCO DO CASTELLO DE CELORICO [1]

Quando falleceu el-rei D. Affonso II em 1223, o infante D. Sancho, seu filho e successor, apenas contava dezeseis annos de edade. Eram annos bem verdes, sem duvida, para assim tão moço e inexperiente reger uma monarchia nascente, que demandava prudencia e energia para se organisar e robustecer no interior, e esforço e vigor para se defender contra tantos inimigos que a cercavam.

Infelizmente nenhum d'aquelles dotes possuia o joven rei: uns eram incompativeis com a verdura da edade; aos outros oppunham-se a brandura e a mansidão da sua indole. Todavia, dentro d'aquelle peito, tão fraco para rei, batia um coração fortissimo para amor.

O pobre D. Sancho, por desgraça do paiz, e ainda mais para sua propria desdita, amou perdidamente uma mulher, apenas cingiu a coroa com que os portuguezes fizeram rei em Campo de Ourique ao seu bisavô, o glorioso fundador da monarchia.

D. Mecia Lopes de Haro, filha do conde D. Lopo, senhor de Biscaya, e então viuva de D. Alvaro Pires de Castro, era o nome d'essa peregrina formosura, a quem o moço rei entregou o coração, a liberdade e o throno.

D. Sancho era modesto no vestir; parco em todos os regalos da vida; bom para os amigos, até descer á humildade; indulgente com os inimigos até cair na frouxidão; irresoluto e inactivo se não em todos, em muitos negocios da governação do estado. Toda a energia da sua alma, toda a força do corpo, toda a acção da vida, em fim, pareciam ter-se-lhe concentrado no coração, para amar apaixonadamente aquelle rosto gentil que o captivára.

Amando pois D. Mecia com a pureza de um primeiro amor, e com todos os extremos de uma louca paixão, sem attender conselhos, arrostando todas as opposições, deu-lhe com a sua mão o titulo de rainha, e repartiu com ella o seu throno [2].

As contrariedades dos fidalgos cresceram e tomaram vulto assustador depois do consorcio real. Ou porque o rei, já de si frouxo e facil de se deixar governar, entregue inteiramente aos devaneios da paixão largasse as redeas do estado nas mãos dos validos indignos da confiança do soberano; ou porque os cortezãos mal soffressem ter de render homenagem de vassallos áquella que pouco antes tratavam como sua egual; a opposição dos fidalgos, a que veiu logo juntar-se a do clero, não tardou a manifestar-se em rebellião aberta. E tremenda rebellião era esta, á qual o segundo d'aquelles elementos dava o caracter de auctorisada e legal.

Exigindo do rei que se separasse da rainha e annullasse o casamento; e o monarcha repellindo a exigencia com singular firmeza e indignação, rompeu a

[1] Vid. a primeira lenda a pag. 55 do vol. IV.
[2] Este casamento é um dos pontos contestados da nossa historia.

lucta entre o poder real de um lado, e a aristocracia e o clero do outro.

Seculo e meio mais tarde teria vencido o soberano, como venceu el-rei D. Fernando, conseguindo que a nação acceitasse por sua rainha a mulher que elle tinha tirado a seu marido, a intrigante, vingativa e adultera D. Leonor Telles de Menezes. Porém, nos tempos de D. Sancho II, em que a realeza estava ainda tão proxima do seu berço; em que os braços que a tinham creado e desenvolvido se achavam ainda tão vigorosos e auctorisados; e, finalmente, em que os summos pontifices dispunham tanto a seu bel prazer das coroas dos reis e da sorte dos povos; n'esses tempos, dizemos, difficilmente ficaria a victoria do lado do monarcha. El-rei D. Sancho II saíu, pois, da lucta infamado e vencido.

O papa Urbano III, que occupava n'essa epocha a cadeira de S. Pedro, cedendo ás solicitações contínuas que lhe iam de Portugal, exhortou primeiro a el-rei D. Sancho para que cedesse; enviou depois um legado para o obrigar; e por fim fulminou-o com a excommunhão, e lançou interdicto em todo o reino.

D. Sancho, tão fraco, tão timido, tão indeciso em quasi todos os negocios do estado, era forte, audaz e resoluto na constancia do seu amor. Repelliu os nobres com coragem; resistiu ao clero com perseverança; e affrontou as iras do pontifice com firmeza. Luctou em quanto pôde, mas alfim foi vencido n'essa lucta descommunal, onde tudo quanto significava poderio veiu a levantar-se contra o infeliz monarcha.

Deposto do throno pelo papa Innocencio IV, no concilio celebrado na cidade de Leão em França, correndo o anno de 1245; e nomeado n'esse mesmo concilio para governador e regente de Portugal o infante D. Affonso, irmão de D. Sancho II, o qual n'esse tempo se achava casado com Mathilde, condessa de Bolonha; el-rei D. Sancho foi despojado da coroa e expulso do reino, ao cabo de muitos episodios que não vem para aqui referir, como desnecessarios ao assumpto de que vamos tratar.

D. Affonso, conde de Bolonha, entrou em Portugal, assumiu o governo, e exigiu dos alcaides-móres a entrega immediata dos seus castellos. Todos obedeceram ao mandado, por vontade ou por força, excepto dois: Martim de Freitas, e D. Fernando Rodrigues Pacheco, o primeiro alcaide-mór do castello de Coimbra, o segundo do de Celorico.

Estes corajosos servidores de D. Sancho II deram um dos mais nobres exemplos de lealdade que a historia geral dos povos tem guardado em seus archivos. Intimados pelo regente para entregar seus castellos; instados por elle, ora com promessas, ora com ameaças; estando já todo o reino na obediencia do conde de Bolonha, e el-rei D. Sancho em Toledo resignado com a sua sorte e sem esperança alguma de recobrar o throno, os dois alcaides-móres resistiam a todos os mandados do infante D. Affonso, repulsando com a mesma dignidade e altivez as honras e oiro com que pretendia seduzil-os, e as ameaças e feros com que julgava intimidal-os.

— Fizemos menagem d'estes castellos a D. Sancho, nosso rei e senhor (era a sua resposta constante); d'elle os houvemos para lh'os guardar e defender. Só a elle proprio, ou á sua ordem, os entregaremos. Em quanto vivo for, embora em terra estranha, e esbulhado do seu throno, será rei n'estes castellos, querendo Deus dar-nos vida e esforço, pois que nenhum temor humano nos fará mudar de resolução».

D. Affonso determinou então empregar a força para reduzir os dois castellos á sua obediencia. Juntou grosso exercito, e foi em pessoa pôr cêrco primeiramente ao de Celorico, por ficar mais proximo da fronteira de Castella.

D. Fernando Rodrigues Pacheco preparou-se para uma resistencia porfiosa, para uma d'essas resistencias desesperadas, que devem necessariamente acabar pela morte ou pela victoria.

A força foi rechaçada pela força em duros combates, até que o valor dos sitiantes esmoreceu de todo ante o esforço e coragem dos sitiados. Restava um unico recurso a D. Affonso; tomou-o. Estreitou o cêrco o mais que podia ser; esperou vencer pela fome aos que não se rendiam pelas armas.

Começaram então a correr os dias para os defensores do castello com extraordinaria rapidez, porque a todas as horas diminuiam os mantimentos, e augmentavam as necessidades; porque falleciam as esperanças, e cresciam as angustias. A fome, que assim caminhava a passos vagarosos como para fazer mais lenta aquella agonia, apresentou-se, em fim, com todos os horrores do seu aspecto macilento e descarnado.

A situação em que se via o alcaide-mór era, na verdade, a mais critica e penosa em que se podia achar o commandante de uma praça de guerra. Os preceitos de honra, de pundonor e de lealdade, só para elle constituiam obrigação e dever. Os juramentos de preito e menagem pelo castello só a elle diziam respeito, só a elle podiam ligar. Os sitiadores eram portuguezes; portuguez e successor da coroa o principe que os capitaneava. E além d'isso, aquella defesa obstinada, sem esperança alguma de soccorro, era absolutamente inutil á causa do desventurado soberano.

Portanto, os perigos, privações e sacrificios de todo o genero, a que se viam expostos os mais defensores do castello, soffriam-n'os estes com denodo e resignação, unicamente para satisfazer o seu honrado e brioso chefe.

Contra a fome, porém, não valem brios nem intrepidez. Ante essa suprema necessidade da vida humana foge o valor mais ardente, desfallece a coragem mais provada, abala-se, enfraquece e acaba a resignação mais estoica!

D. Fernando Rodrigues, solicitado vivamente pelos seus companheiros de armas para entregar o castello; instado por muitos nas ancias da mais extrema desesperação, adiava esse acto de dia para dia, de momento para momento. Reconhecia a razão e justiça do pedido; determinava fazel-o, curvando-se ao poder inexoravel da sorte; mas, quando chegava o instante decisivo, tornava a adiar, porque não se sentia com forças para tanto! A vida a seus olhos não tinha valia, mas a honra de leal cavalleiro, a fidelidade que devia ao seu rei como divida a tantos respeitos sagrada, essas eram para elle tudo quanto na sua existencia achava de mais caro e de mais valia!

As coisas chegaram, em fim, ao ultimo apuro. Os defensores do castello, já sem lhes importar consideração alguma de amor ou de respeito para com o seu alcaide, resolveram n'uma tarde, quando o sol estava prestes a occultar-se detraz da ultima serra, entregar definitivamente a fortaleza na seguinte manhã, bom ou mau grado do seu chefe.

D. Fernando velou toda essa noite. A deshonra apresentava-se-lhe diante como um espectro aterrador! Apertava-se-lhe dolorosamente o coração, e dava-lhe tratos á alma a imaginação em procura de um meio, que não descobria, para sair com honra de tão grave e afflictivo trance.

Ainda os primeiros arreboes da aurora mal começavam a recortar no horisonte as cumiadas das montanhas, já o alcaide-mór de Celorico passeiava sósinho em um dos terrados do seu castello. A expressão do seu rosto e a agitação dos seus passos deixavam bem perceber a violencia da sua paixão, e a desordem dos seus pensamentos. O pobre D. Fernando estava no oratorio como o condemnado; estava chegado

ao momento solemne em que devia soar-lhe aos ouvidos a hora fatal do supplicio!

Aquelle esforçado cavalleiro, que até alli não conhecêra o temor; aquelle caracter de tão rija tempera, que nunca recuára ante os maiores perigos; aquella alma verdadeiramente grande, que sempre se víra superior á grandeza de qualquer infortunio, estava agora abatida, timorata e desvairada! Reunindo em um derradeiro esforço todos os seus pensamentos para supplicar ao Creador, em fervorosa oração, que se compadecesse da sua dor, e houvesse d'elle misericordia, ao erguer as mãos e os olhos para o ceo, viu uma aguia, que, voando do lado do Mondego, que é perto d'alli, quando atravessava os ares por cima do castello, deixou cair uma coisa que levava presa nas garras.

Esta vista instantanea mal lhe daria tempo de attentar no caso, se não viera de improviso sobresaltal-o o baque de um corpo caído a pouca distancia d'elle.

Voltou-se logo D. Fernando, e caminhou apressado ao sitio onde sentira a quéda. Uma grande truta, que ainda luctava com a morte, foi o que a aguia deixou cair sobre o terrado do castello. O alcaide, pegando no peixe, teve uma subita inspiração que lhe trocou o desalento em esperança. Corre com a truta nas mãos por todo o castello; junta-lhe os melhores e mais frescos pães que se poderam encontrar; e fazendo de tudo isto um bem preparado presente, envia-o ao infante D. Affonso, com o seguinte recado: *Que bem o poderia ter cercado sua mercê; mas que se por fome o esperava tomar, que visse se os homens que d'aquella vianda eram bem abastecidos, teriam razão de entregar-lhe contra sua honra o castello.»*

O infante e os seus capitães ficaram pasmados ao ver similhante offerenda, quando presumiam que os sitiados, já a braços com a fome, estavam em vespera de se render. O que mais os maravilhou foi a truta, tão fresca como quando se acaba de pescar. Estando certos, pela estreiteza do cerco, que pessoa alguma havia entrado no castello, concluiram d'ahi, que dentro d'elle existia algum grande reservatorio com abundante viveiro de peixes do rio. O resultado d'este juizo foi levantar-se immediatamente o cerco, dirigindo-se o infante com as suas tropas para Coimbra, a fim de sitiar o castello d'esta cidade.

Durante o assedio do castello de Coimbra, falleceu em Toledo o infeliz rei D. Sancho II. O intrepido e leal Martim de Freitas, ao chegar-lhe a triste nova, pediu e obteve do infante D. Affonso que désse tréguas ao castello, e a elle permissão para ir a Toledo certificar-se com seus proprios olhos da verdade da noticia.

Não cabe no quadro que esboçâmos essa pathetica e edificante scena da lealdade portugueza, em que o fiel alcaide-mór de Coimbra, erguendo a tampa do sepulchro, depositou nas mãos enregeladas do finado monarcha as chaves do castello, que d'essas mesmas mãos havia recebido![1]

Bastará, pois, dizermos que Martim de Freitas, apenas regressou ao seu castello, fez d'elle entrega ao infante conde de Bolonha, que pela morte de seu irmão acabava de ser acclamado rei com o nome de D. Affonso III. E em seguida entregou D. Fernando Rodrigues Pacheco o castello de Celorico ao novo rei de Portugal, que teve a magnanimidade de galardoar os dois alcaides, pela fidelidade que souberam guardar aos seus juramentos e ao seu soberano.

Para memoria d'este feito, reformou a villa de Celorico o seu brazão d'armas, collocando n'elle a aguia com a truta nas garras.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] O ex-ministro da marinha, e collaborador d'este semanario, o sr. Mendes Leal, compoz d'este heroico feito um primoroso drama que intitulou: *Martim de Freitas.*

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

De cortezia e agradecimento são as palavras que na ultima pagina d'este volume enviâmos aos nossos benevolos assignantes.

Mallogrados seriam os esforços e dispendios que demanda empreza tal como esta, sem o constante amparo de milhares de assignantes, que desde o principio nos tem acompanhado, mórmente o que nos liberalisa a illustrada e benemerita SOCIEDADE MADRÉPORA, do Rio de Janeiro. E dil-o-hemos, embora não seja mui lisonjeiro para a nossa terra, mais de tres quartas partes das assignaturas do *Archivo*, nos são tomadas e distribuidas por conta de tão patriotica sociedade.

E todavia, não podêmos ainda contar com uma receita sufficiente e segura, que nos habilite a dar ao *Archivo* maior numero de paginas, e sobre tudo mais gravuras.

Sóbe a 128 o cômputo das que exornam as paginas d'este volume; e apenas 19 são copiadas de obras estrangeiras. No volume passado o numero d'estas foi de 40. Assim nos vamos successivamente libertando d'esta forçada sujeição.

Egual diligencia temos empregado para que as estampas sejam mais amplas, o que em parte conseguimos já, porque algumas de pagina inteira se publicaram no tomo que hoje completâmos. Sete annos de trabalho aturado, o auxilio poderosissimo da photographia, a actividade e pericia dos nossos collaboradores artisticos, tem já elevado esta arte ao ponto de perfeição a que nunca havia chegado entre nós.

Ainda assim não nos achâmos habilitados para multiplicar o numero de gravuras que costumâmos dar em cada numero. Esperâmos que o tempo, e a crescente illustração do nosso bom povo, nos tragam dias mais prosperos.

O *Archivo* é hoje o *unico* jornal illustrado com gravuras que se publíca em Portugal. E não se dirá que entre nós é insustentavel, por falta de extracção, um semanario illustrado pela gravura, que é hoje o meio mais attractivo por que se diffunde a leitura, e se propaga o gosto das bellas artes.

O realce que ás publicações como esta nossa, dão as gravuras em ponto grande, vel-o-hão os nossos assignantes pela estampa avulso que se distribue com este ultimo numero do vol. VII. Este brinde feito aos assignantes que até hoje nos tem coadjuvado, representa o famoso monumento joannino da Batalha, o principal monumento architectonico do antigo Portugal.

Esta amostra provará quanto póde a insistencia, a perseverança, o brio nacional com que os editores d'este semanario porfiam, ha annos, para que a typographia portugueza não ceda em apuro e realce á das nações cultas.

O *Archivo Pittoresco*, para o seu progressivo incremento, para a execução dos aperfeiçoamentos que está requerendo uma publicação d'esta ordem, conta com o favor publico, espera a cooperação dos escriptores que mais o possam tornar lido e acreditado; e sobretudo, podêmos afiançal-o, tem por fiador da sua estabilidade e esmero, a intelligencia e o credito commercial dos seus probos e desvelados editores-proprietarios.

Quanto ao plano da redacção, mantel-o-hemos como até aqui, visto a acceitação que tem merecido, alternando os assumptos por modo que a leitura seja instructiva e deleitavel.

Tendo-se associado á direcção do *Archivo* o nosso antigo collaborador, o sr. Vilhena Barbosa, grande sabedor de archeologia e historia patria, este semanario será, quanto possivel, incessante e desvelado propugnador das glorias, dos progressos e da lingua da nossa patria.

A. DA SILVA TULLIO.

INDICE

(Os asteriscos antes da indicação das paginas designam gravuras)

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio